

5ª Parte

Transcrições

Benevides: Moderno e Romântico

*Samuel Penido**

Admirável sob todos os aspectos, o percurso poético de Artur Eduardo Benevides. Mais de meio século de poesia... Com o talento, a sensibilidade e a altanaria de que são possuidores somente os grandes poetas. Aqueles que nascem com uma marca de fogo como diria Herman Hesse. E que atravessam os anos sem conhecer os males do envelhecimento, alheios as modas de sempre e aos perigos do radicalismo (Pois não é freqüente ver poetas de valor, em meio à jornada, optarem por atalhos temerários e posições discutíveis?).

Há uma coerência exemplar na obra poética de Benevides. Ele sempre foi moderno e romântico, como já disse um crítico. Acrescente-se: moderno não foi só pela maneira de realizar o poema enquanto ato individual e intransferível, mas também pelo saber situá-lo num contexto no qual a tradição não é renegada, antes revalorizada. E romântico por toda uma vocação psíquica, que não aceita o distanciamento do eu lírico, porém, sua integração com o mundo exterior mediante invariavelmente uma certa transfiguração da realidade.

A propósito, cabe evocar um poema de excepcional beleza que dedicou há anos à figura da atriz Natalie Wood, recriação perfeita de um dos mitos femininos do nosso tempo. Símbolo da mulher-sedução bela e misteriosa. Graças ao poder encantatório da palavra, o poeta transforma a atriz norte-americana numa deusa do século XX, verdadeira Afrodite moderna.

Sem dúvida, a imagem da mulher e por conseqüência, o cântico de amor, têm espaço considerável na produção do poeta. Seu universo temático, entretanto, é amplíssimo – vai de outros motivos universais, como por exemplo, a morte, a solidão até o motivo de inspiração regional (não menos importante é claro), ou seja, o Ceará,

* Samuel Penido – Poeta e Diretor da UBE de São Paulo.

seu estado natal, a cuja celebração consagrou o livro inteiro. No tocante ao tema da morte destaca-se a “Elegia para um Pássaro Adormecido” (constante de seu livro *Elegia Setentã e outros Poemas de Entardecer*, de 1996, em torno de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Trata-se de um misto de elegia e metapoema. O metapoema, aliás é uma das recorrências de seu texto. Veja-se este trecho: “Peregrinando a sós, por velhas praças / teve sonhos transfeitos em fumaças. / Viu a palavra plenilúnio, lívida, nos céus. / Viu triunfos chegando, viu troféus. / Depois plantou tílias ao longo chão da viagem, / entrou na carruagem / e partiu. / E ninguém mais o viu. / Um grande poeta homenageando outro grande poeta, à semelhança de W. H. Auden em “À memória de W.B. Yeats”.

E que dizer de seu virtuosismo formal? Ao lado do exímio cultor do soneto, há o autor de outros poemas de forma fixa, de pouco prestígio entre os poetas brasileiros, após o movimento de 22, como o rondó, a balada, etc. Mas o ponto alto de sua criatividade está nos poemas longos, que ostentam a fluência e técnica raramente vistas em nosso repertório poético.

Não se esqueça de sua bem-sucedida incursão no poema em prosa, esse gênero híbrido gerador de tanta controvérsia, e de reduzidos adeptos entre nós. Em Benevides é mais poema do que prosa, porque baseado sobretudo no ritmo e na melodia (Octávio Paz). Atente-se para este “Da Poesia IV”, de *Escadarias na Aurora*, 1997(último livro do poeta): “É o poema que faz o poeta ou o poeta que faz o poema? Enquanto pensamos, os adeuses continuam a acenar das estradas do tempo. Interminavelmente. E às vezes nos envolvem com seu olhar terrível de serpente. Até que sejam salvos pelas barcas dos versos, vindas de repente, como na noite, a última brisa. E entre Deus e nós servem de divisa”. Em tudo, um refinamento expressional, uma riqueza imagística e semântica invejáveis. Ou como bem diz Anderson Braga Horta: musicalidade e metaforismo cintilante”.

Ainda de *Escadarias na Aurora*, veja-se esta passagem de “Variações sobre o Silêncio”: O silêncio é uma grande borboleta pousada / numa sala vazia. / É a poesia / pálida de sono, ao fim da madrugada. / Ou uma serpente cega que se entrega / nas tardes de Alba Longa ou de Granada. / E o mais, na morte encontra a paz.

Com o lançamento de *Elegia Setentã e Outros Poemas de Entardecer e Escadarias na Aurora*, Artur Eduardo Benevides consolida o lugar há muito conquistado na poesia brasileira. Porque senhor de seu ofício e fiel intérprete da condição humana.